



ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO EM TEMPOS DE PANDEMIA: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O ACOMPANHAMENTO DE ESTUDANTES COM TEA EM ÁGUA BRANCA-AL

Jessica Lima Feitoza ¹
Noélia Rodrigues dos Santos ²

RESUMO

Os estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA) fazem parte do público-alvo da Educação Especial e tem direito ao Atendimento Educacional Especializado (AEE), sendo prioritariamente disponibilizado nas Salas de Recursos Multifuncionais (SRM) em escolas do sistema regular de ensino. Nesse trabalho contamos com o suporte teórico referente ao entendimento do TEA como base, principalmente, no Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM V, 2014). Também contamos com a legislação nacional sobre o AEE (BRASIL, 1996) e sobre a implantação e funcionamento das SRM (BRASIL, 2001; 2009; 2010). Assim, este estudo tem como objetivo refletir sobre a forma como o atendimento educacional especializado aos estudantes com transtorno do espectro autista tem se efetivado no momento de distanciamento social, ocasionado pela pandemia do novo coronavírus. Para tanto, desenvolvemos uma pesquisa de cunho qualitativo junto a um professor da SRM de uma escola pública da cidade de Água Branca-AL, que respondeu a um questionário. As respostas possibilitaram a elaboração de 5 categorias de análise, a saber: 1) O funcionamento da SRM; 2) Articulação professor do AEE e professor da sala regular; 3) A participação da família; 4) As metodologias utilizadas e 5) As dificuldades encontradas. São muitas as adversidades que envolvem o AEE, ainda mais quando estas são intensificadas por mudanças repentinas nas rotinas provocadas por uma pandemia. Verificamos que essas mudanças não impediram que o acompanhamento aos estudantes com TEA fosse realizado de maneira eficiente e dispusesse de resultados satisfatórios, promovendo a inclusão.

Palavras-chave: Educação Especial. Educação Inclusiva. Atendimento Educacional Especializado. Autismo.

INTRODUÇÃO

É de conhecimento geral que a educação é um dos principais elementos que auxiliam na construção dos sujeitos, tanto nos aspectos individuais, quanto para a vida em sociedade. Entendemos que uma educação de qualidade deve englobar todos os indivíduos, sem distinção de gênero, raça, cor, religião, etnia ou por apresentar diferenças nos aspectos corporais, fisiológicos e/ou intelectuais.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, jessik.lf@hotmail.com

² Psicóloga e Mestre em Educação. Professora Assistente da Universidade Federal de Alagoas – UFAL, *campus* do sertão, noeliar1@gmail.com





Considerando que as escolas têm recebido alunos diferentes, trabalhando, portanto, na perspectiva da inclusão, observamos um número crescente de estudantes com necessidades educacionais especiais matriculados em escolas regulares, entre estes destacamos os estudantes com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

O TEA não é um tema novo em meio às pesquisas clínicas e acadêmicas, mesmo assim continua a ser rodeado de mistérios e pouco conhecido em meio à sociedade contemporânea. Segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM V, 2014) os sintomas concernentes ao TEA causam prejuízos clinicamente significativos, já que estes tendem a interferir no funcionamento social, profissional e em outras áreas importantes da vida de uma pessoa. Seu diagnóstico segue critérios previamente estabelecidos e a partir destes o especialista vai determinar o grau que o paciente manifesta.

O tratamento do TEA deve ser pensado de acordo com as características e necessidades individuais e específicas de cada pessoa, considerando os prejuízos e gravidade dos sintomas apresentados. A precocidade do diagnóstico é um dos fatores primordiais para a obtenção de bons resultados, pois, este fator possibilitará que a criança seja tratada desde a idade pré-escolar (GAIATO; TEIXEIRA, 2018).

É válido salientar a importância de que o conjunto de intervenções seja realizado a partir das especificidades de cada criança, sendo que o sucesso do tratamento é diretamente influenciado por um conjunto de ações a serem realizadas rotineiramente a partir de estímulos adequados para a necessidade do indivíduo, a fim de aperfeiçoar suas habilidades para que possa ter uma vida social menos prejudicada.

No sistema regular de ensino, os estudantes com TEA fazem parte do público alvo da Educação Especial e a eles é garantido por lei o Atendimento Educacional Especializado (AEE) que ocorre, prioritariamente, nas Salas de Recursos Multifuncionais (SRM). O AEE que foi idealizado para suplementar e complementar a formação dos alunos público-alvo da Educação Especial. De acordo com o Art. 3º da Resolução nº 2 CNE/CEB, de 11 de setembro de 2001, que institui as Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, o AEE é:

Um processo educacional definido por uma proposta pedagógica que assegure recursos e serviços educacionais especiais, organizados institucionalmente para apoiar, complementar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação escolar e promover o desenvolvimento das potencialidades dos educandos que apresentam necessidades educacionais especiais, em todas as etapas e modalidades da educação básica (BRASIL, 2001, on-line).



A ideia é a disponibilização dos recursos e serviços de atendimento e educação especial, quando necessário, baseando-se no perfil do educando, de modo que, extraia suas potencialidades, valorize suas diferenças e singularidades e contribuam com a promoção da escolarização e eliminação das barreiras que impedem a participação plena desses alunos (BRASIL, 1996).

Isto posto, foi elaborado o Programa de Implantação das Salas de Recursos Multifuncionais (SRM). Para tal efetivação, a organização da SRM deve seguir o padrão do referido programa que constitui uma medida estruturante para a consolidação de um sistema educacional inclusivo, assim como os centros de atendimento educacional especializado devem cumprir as exigências estabelecidas pelo Conselho de Educação do sistema de ensino supracitado, que diz respeito ao seu credenciamento, autorização de funcionamento e organização, em consonância com as orientações preconizadas nas diretrizes operacionais da Resolução CNE/CEB 4/2009 (BRASIL, 2009).

Assim, reconhecendo as mudanças ocasionadas na educação em razão da pandemia do novo coronavírus, surgiu a vontade de compreender de que maneira o AEE tem se efetivado nas escolas durante esse momento de distanciamento social, destacando especificamente a situação de atendimento de estudantes com TEA.

Isto posto, temos o seguinte questionamento: como o Atendimento Educacional Especializado de alunos com TEA tem sido realizado durante a pandemia do novo coronavírus?

Portanto, temos como objetivo refletir sobre a forma como o atendimento educacional especializado aos estudantes com transtorno do espectro autista tem se efetivado no momento de distanciamento social, ocasionado pela pandemia do novo coronavírus.

METODOLOGIA

Nossa pesquisa é de natureza qualitativa pois, assim como Minayo (2002), acreditamos que esta linha de pesquisa nos conecta e realça a importância das crenças, aspirações, valores e de todas as ações que, de maneira direta ou indireta, influem nas relações interpessoais dos sujeitos com o mundo interno e externo. Logo, a abordagem qualitativa nos permite aprofundarmos no mundo dos significados das relações e ações humanas que não podem ser compreendidas por meio de equações, gráficos e médias.



Nosso estudo, caracteriza-se, pois, como um estudo de caso, realizado junto a um professor de uma SRM de uma escola municipal de educação básica da zona urbana da cidade de Água Branca, localizada no alto sertão do Estado de Alagoas.

O professor participante, que aqui denominamos de Gabriel, nome fictício para a preservação da identidade do nosso colaborador, atende 5 alunos diagnosticados com TEA que estão dentro da faixa etária de 5 a 11 anos de idade. O professor tem 46 anos de idade, possui graduação em Pedagogia e pós-graduação na área de Educação Inclusiva, Educação Especial (adaptação) e Atendimento Educacional Especializado. Atua na área há 23 anos, tornando-se um dos profissionais mais requisitados da região.

Para a coleta de dados foi utilizado um questionário com 11 perguntas, organizadas em 3 tópicos, sendo eles: identificação da SRM, funcionamento da SRM antes da pandemia e funcionamento da SRM durante a pandemia. A coleta de dados ocorreu em junho de 2021. O questionário foi enviado ao professor via aplicativo de mensagens (*whatsapp*).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Mediante as informações colhidas sobre como o AEE acontecia antes e como é hoje durante a pandemia da Covid 19, tendo em vista que esta, até o dado momento, não acabou, elaboramos 5 categorias de análise, são elas: 1) O funcionamento da SRM; 2) Articulação professor do AEE e professor da sala regular; 3) A participação da família; 4) As metodologias utilizadas e 5) As dificuldades encontradas.

1. O funcionamento da SRM

A SRM onde nosso colaborador atua é caracterizada como tipo 1, conforme as especificações técnicas apresentadas no Manual de Orientação: Programa de Implementação das Salas de Recursos Multifuncionais (BRASIL, 2010). A sala dispõe de microcomputadores, fones de ouvido e laptop, microfones, monitores, impressora laser, scanner, colmeia e teclado, acionador de pressão e mouse, *software* para comunicação alternativa, jogos pedagógicos, lupa eletrônica e manuais, mesas, cadeiras, plano inclinado, armário, quadro melamínico e outros jogos e materiais que o próprio professor confecciona de acordo com as necessidades específicas de cada grupo ou aluno.

O professor Gabriel explicou que antes da pandemia o AEE era realizado de forma individual e/ou coletiva. O trabalho era realizado em grupo de três ou quatro estudantes, organizados com alunos com necessidades educativas similares. Quando aos estudantes com TEA, o professor nos disse:

“Os atendimentos individuais eram voltados para alunos com TEA pois alguns não conseguiam trabalhar de forma coletiva, à medida que eles começavam a compreender a rotina da sala de AEE eles eram inseridos nos grupos e assim aos poucos começavam a participar da coletividade da sala bem como do contexto escolar.

Durante a pandemia o AEE tem sido feito de maneira individual. No entanto, a proposta metodológica permaneceu a mesma. Inicialmente o professor Gabriel discorre que, a partir do Plano de Desenvolvimento Individual (PDI) de cada aluno é elaborado um bloco de atividades quinzenal. Estes blocos são organizados por grupos de alunos com necessidades similares. Por conseguinte, realizava a gravação de vídeos nos quais explica as atividades propostas por ele. Tendo em vista que, nos explica o professor:

“Em reunião a maioria dos pais acharam melhor o vídeo, pois, podiam auxiliar os filhos nas atividades, alguns pais optaram pela vídeo chamada, mas todos em consenso aceitaram que as devolutivas iam valer como frequência”.

Sendo assim, o prazo para que pudessem devolver as atividades era de 15 dias, por meio de vídeos ou fotos para que o professor pudesse registrar a frequência. Já aqueles que optaram por vídeo chamada tinham sua frequência computada na hora. Quanto aos alunos com TEA, Gabriel nos relatamos que:

“As atividades eram elaboradas visando o avanço e a autonomia do educando, deixamos um canal aberto para a comunicação, na qual os pais que por ventura sentissem a necessidade de conversar comigo podia fazê-lo nos horários previamente estipulados”.

De acordo com Mantoan (2003), as escolas inclusivas que aderem a um modelo de organização do sistema educacional que valoriza as necessidades de todos os alunos, tem sua prática estruturada em função dessas necessidades. Tão logo, pensamos que a prática do Professor Gabriel se enquadra nessa estrutura pois, mesmo com as dificuldades já existentes



em meio a *práxis* do magistério e do AEE, sendo estas agravadas pelo momento pandêmico, ele busca se reinventar para alinhar e gerar meios para que seus alunos possam ter uma aprendizagem/evolução significativa. Visto que, ainda segundo a autora, a inclusão abarca uma mudança na perspectiva educacional, pois ela não atinge somente aqueles com dificuldade de aprender ou que possuem deficiências, ela atinge todos os que participam deste processo.

2. Articulação professor do AEE e professor da sala regular

O professor nos explicou que no início do ano letivo são desenvolvidas atividades para a promoção da sensibilização, integração e acolhimento de alunos com necessidades educacionais especiais. Cada palestra tem um tema gerador específico. Tão logo, a partir dele, é criada uma sequência didática que envolva toda a escola, de modo que esta possa contribuir por meio das trocas de experiências de maneira significativa com o contexto e processo educacional de cada pessoa que dele participa.

Posteriormente, o professor responsável pela SRM convida os professores das salas regulares de ensino para que juntos possam discutir sobre as habilidades de cada educando com necessidades educativas especiais. Por fim, realizam a construção de um plano de atendimento que melhor se adeque ao aluno. O professor Gabriel também atende alunos de outras instituições, a respeito dos alunos oriundos de outras escolas, o professor ressalta que:

“Com os educandos oriundos de outras escolas o contato com os professores fica um pouco comprometido visto que não temos um contato mais próximo com o mesmo devido a logística das escolas (escolas da Zona Rural) o que compromete um pouco o trabalho do professor do atendimento”.

Outrora, em razão do Decreto Estadual nº 70.177, de 26 de junho de 2020 que dispõe sobre distanciamento social controlado, criado por consequência da pandemia da Covid 19, foi realizada uma reunião virtual com toda a equipe pedagógica da escola. Neste momento, por intermédio da coordenadora e tendo o AEE como uma das pautas, o professor Gabriel afirma ter tentado sensibilizar e acolher os demais professores.

Também houve troca de experiências e informações a respeito das mudanças de professores da sala de aula regular e o desenvolvimento e progresso dos alunos da SRM. Tal interação foi bastante relevante para a reestruturação dos planos de atendimento. Ademais, o professor ressaltava a importância de sempre deixar um canal aberto para que os professores



pudessem se sentirem à vontade para entrar em contato para esclarecer suas inquietações quando sentirem necessidades ou tiverem dúvidas. Ao fim da reunião, ressaltou de forma individual os progressos dos alunos e sugeriu atividades adaptadas para os educandos.

O professor faz uma ressalva quanto às interações entre professores durante a pandemia, explica que o distanciamento acabou aproximando os professores das salas regulares de ensino das escolas da zona rural com ele, o professor do AEE. Assim, com o estreitamento das relações, facilitou a elaboração dos planos de atendimento educacional dos educandos e passou a ser feito de forma mais adequada.

Para Rivière (2004), um acompanhamento dedicado exige que o professor encarregado pela orientação psicopedagógica de crianças com transtorno do espectro autista, desenvolva sempre que necessário, atividades de sensibilização dos professores e colegas, e que tenham a finalidade de estreitar as relações com as famílias.

De acordo com o Plano de Desenvolvimento Individual para o AEE, publicado em 2013, a avaliação desenvolvida pelo professor é imprescindível, visto que é importante conhecer o aluno, o meio em que estar inserido, a forma como participa na escola, na sala de aula regular e no seio familiar. Pois, só a partir de então, o professor poderá intervir e providenciar os meios que melhor se adequem ao contexto vivenciado por seu aluno, para que então, este possa ter uma educação de qualidade como disposto na lei (POKER et al, 2013).

Contudo, em um tempo de tantas transformações, os profissionais de educação precisaram se reinventar e buscar novas formas e maneiras de desenvolver o seu trabalho com discentes com e sem necessidades educativas especiais. Pensando nisso, os docentes têm a oportunidade de planejar, conduzir as suas rotinas e aprimorar suas habilidades por meio da cooperação, do apoio, do coleguismo e do trabalho em equipe. Dessa forma, cremos que o método desenvolvido pelo professor Gabriel dispõe de grande relevância no que diz respeito ao processo do ensino e aprendizagem do educando, dada a importância do envolvimento de todos os participantes neste decurso.

3. A participação da família

Para o nosso colaborador, a participação da família no processo educativo assume um lugar muito importante, podendo ajudar no processo de aprendizagem e no desenvolvimento da criança. Tão logo, ele discorre que,



“É uma pena que uma boa parte das famílias ainda não participa de forma ativa da vida escolar do seu filho como deveria”.

Tal atitude demonstra que ainda há muito a se fazer a respeito da conscientização e estimulação dessas pessoas diante da importância do seu papel, não só no desenvolvimento dentro do contexto escolar, mas também para o desenvolvimento social desses alunos.

Durante a pandemia como dito anteriormente, o acompanhamento tem sido feito de maneira virtual e as atividades têm sido organizada em 4 blocos de atividades quinzenais e individualizadas. A princípio, o quarto bloco é destinado para os alunos diagnosticados com TEA conforme o seu plano de atendimento.

Após a apresentação da proposta e do aceite dos responsáveis pelo educando, as atividades vão sendo elaboradas com base nas especificidades e necessidades de cada um deles, a partir do que é relatado em conversas entre o professor e os pais e, posteriormente, uma rotina é criada. O professor Gabriel faz o seguinte esclarecimento:

“À medida que os atendimentos iam voltando e as mães começaram com as terapias, novamente fomos reformulando as atividades de forma a atender a real necessidade do educando”.

Buscando sempre respeitar os limites do aluno, a mãe ou responsável eram orientados a dar uma pausa na atividade e retomar noutro momento. Para mais, o professor ressalta que:

“Alguns pais ainda deixam a desejar e eu estou sempre cobrando que ele ajude seu filho no processo pois o incentivo deles é uma ferramenta importante na aprendizagem dos filhos, e na ajuda ao professor de forma que ele possa se apropriar do conhecimento e da dinâmica que os pais usam em casa com o filho, assim, ficará mais fácil para o mesmo realizar as adaptações, arranjos e organizações necessárias ao desenvolvimento da aprendizagem destes estudantes”.

A participação da família tem significativa importância para o aluno obter um desenvolvimento pleno desde os anos iniciais da educação, está disposto no Art. 22 das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica: “a educação infantil tem por objetivo o desenvolvimento integral da criança, em seus aspectos físico, afetivo, psicológico, intelectual, social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 2013, p.36). Diante do exposto, fica evidente que o sucesso e progresso relacionados aos diferentes aspectos do desenvolvimento dos alunos com necessidades educativas especiais é fruto de um trabalho contínuo e colaborativo envolvendo a instituição escolar e a família.



4. As metodologias utilizadas

No que diz respeito as metodologias adotadas neste momento pandêmico, o professor Gabriel considera que estão sendo positivas. Tendo em vista que o processo de aprendizagem não ficou estagnado, e mesmo que tenha acontecido de forma lenta, foi sempre constante. Nas palavras do professor:

“Ainda que lento e em algumas vezes fragmentado a assimilação de conteúdo e o aprendizado seguiu uma constante, ainda que lento seguiu e não se estagnou, foi provocante no dia a dia as vezes nos consumiu mais gerou aprendizado”.

No que tange as metodologias educativas aplicadas no ensino/acompanhamento de autistas, Powers (1992) destaca 5 componentes que são primordiais: 1) Ser estruturadas e baseadas nos conhecimentos desenvolvidos pelas modificações de conduta, 2) Ser evolutivas e adaptadas às características pessoais dos alunos, 3) Ser funcionais e com uma definição explícita de sistemas para a generalização, 4) Envolver a família e a comunidade e 5) Ser intensivas e precoces.

Por meio das respostas do Professor Gabriel, ainda que de forma sucinta, é possível entender que estas características se fazem presentes nas práticas desenvolvidas por ele junto aos alunos público-alvo da Educação Especial, em destaque os alunos diagnosticados com TEA.

5. As dificuldades encontradas

Antes do período pandêmico as principais dificuldades estavam relacionadas à falta de participação dos pais junto aos professores do ensino regular e do professor do AEE. Haja vista que esta ausência interfere de forma direta na evolução do desenvolvimento da aprendizagem dos alunos. Segundo o professor Gabriel, os pais que são mais engajados na vida escolar dos filhos tendem a tornar o processo mais significativo, de modo a construir.

“Um verdadeiro trabalho interdisciplinar e colaborativo, com informações, críticas, sugestões e solicitações, para que possamos cada vez mais diminuir as diferenças no contexto escolar”.

Já no período pandêmico, a maior dificuldade está ligada ao processo de adaptação, tanto do profissional, quanto da família e dos educandos. Dado o momento vivenciado, viu-se





a necessidade de repensar e redefinir a *práxis* do AEE, assim como, a forma de atender a sua clientela. De acordo com o Professor,

“A maior dificuldade foi redefinir o AEE de forma a atender toda a sua clientela, e que os educandos bem como os pais continuassem participando ativamente do processo, e que sentissem que mesmo através de uma tela eu estava com eles ajudando nessa nova perspectiva. A melhor solução foi dividir a turma em blocos e canalizar o aprendizado ainda que limitado, pois nada supera a sala de aula e o contado do dia a dia”.

Para ele, a melhor solução foi a de canalizar o aprendizado, mesmo que este seja limitado, e dividir a turma em blocos. Todavia, tornamos evidente que, nada supera o contato diário na sala de aula. Logo, não tem sido uma tarefa fácil, tampouco impossível.

Mantoan (2003) discorre que a concretização das grandes inovações transcende muitas vezes o que parece ser óbvio e simples. E é isso que tem acontecido, os professores atuantes tanto na SRM, quanto na sala de ensino regular, tiveram que se reinventar e formular uma nova *práxis* de exercício da docência, revendo suas estratégias para promover a aprendizagem. De modo que estas possam ser compreendidas e aceitas por todos de forma eficaz e significativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para realizar este estudo, partimos de um questionamento central: como o atendimento educacional especializado de alunos com TEA tem sido realizado durante a pandemia do novo coronavírus? Para que isso fosse possível, contamos com a participação de um professor da sala de recursos multifuncionais responsável por esses acompanhamentos, tão logo, ele respondeu prontamente todas as perguntas com clareza e objetividade.

Considerando o impacto da inclusão e da educação na vida de todas as pessoas, com ênfase naqueles que são público-alvo da Educação Especial e são atendidos na SRM, cabe a reflexão sobre como esse momento pandêmico, vivenciados por todos nós há quase 2 anos, e que tem impostos desafios para a educação de forma geral, tem reflexo no atendimento direcionado aos estudantes com TEA.

Verificamos que o trabalho desenvolvido pelo professor Gabriel atende todos os requisitos e critérios dispostos na lei, considerando as particularidades e as singularidades de cada educando, visto que, dispomos de características únicas que formam a nossa identidade.



Percebemos que apesar de todos os desafios que permeiam a educação pública, sobretudo a Educação Especial e o AEE, o professor não se deixou vencer por estas interferências, o desenvolvimento dos alunos seguiu em constante, sem estagnar ou retroceder.

A proposta metodológica permaneceu a mesma de antes da pandemia, e as atividades têm sido desenvolvida com base no progresso do aluno, valorizando a sua autonomia e o avanço do seu desenvolvimento. No momento atual, no qual a *práxis* teve de ser amplamente reinventada por todos os educadores, o vídeo foi adotado como principal estratégia pelo professor, em concordância com os pais.

E ainda que inicialmente os alunos com TEA apresentassem resistência com as alterações das rotinas e para estreitar as relações com outros, o desenvolvimento das atividades deu-se de forma contínua, com base nas suas aceitações. Logo, os resultados têm sido satisfatórios.

Em relação a articulação entre professores e família, é notório que a pandemia possibilitou uma maior aproximação e participação no processo educacional formativo e no desenvolvimento dos alunos, principalmente daqueles oriundos de outras comunidades e escolas, tendo em vista que antes da pandemia o professor elucida a ausência de boa parte deles, agentes “externos” a SRM. Essa aproximação só foi possível graças às novas tecnologias, por meio da internet, dos smartphones, tvs e computadores. Como também, pela intervenção do professor, que deixa claro a sua abertura e disponibilidade para atender todos os pais e professores quando estes sentirem necessidade.

À face do exposto, fica evidente que, para que o funcionamento da sala de recursos seja satisfatório e o AEE seja frutífero, sendo ele presencial ou virtual, depende de profissionais engajados e famílias participativas, para que juntos possam desenvolver um trabalho transdisciplinar, no qual o principal foco é o desenvolvimento eficaz do aluno, preservando a sua individualidade e respeitando o tempo de cada um deles. De modo a tornar possível a sua permanência nas escolas regulares.

REFERÊNCIAS

ALAGOAS. **Decreto N° 70.178, de 30 de junho de 2020.** Disponível em: <http://www.procuradoria.al.gov.br/legislacao/boletim-informativo/legislacao-estadual/DECRETO%20No%2070.178-%20DE%2030bfDEbfJUNHObfDE%202020.pdf>. Acesso em 31 de mai. 2021.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica.** Brasília: MEC, 2013. Disponível em:





http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=13448-diretrizes-curiculares-nacionais-2013-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 21 de jul. 2021.

_____. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, 1996. Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 21 de jul. 2021.

_____. **Manual de Orientação: Programa de Implantação de Sala de Recursos Multifuncionais.** Brasília, MEC/SEE, 2010. Disponível em :

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=9936-manual-orientacao-programa-implantacao-salas-recursos-multifuncionais&Itemid=30192
Acesso em 31 de mai.2021.

_____. **Resolução CNE/CEB nº 2, de 11 de setembro de 2001.** Institui Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica. Brasília, 2001. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>. Acesso em: 21 de jul. 2021.

_____. **Resolução nº 4, de 2 de outubro de 2009.** Institui Diretrizes Operacionais para o Atendimento Educacional Especializado na Educação Básica, modalidade Educação Especial. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb004_09.pdf. Acesso em: 21 de jul. 2021.

GAIATO, Mayra; TEIXEIRA, Gustavo. **O Rezinho Autista:** Guia para lidar com comportamentos difíceis. São Paulo: nVersos, 2018.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. **Inclusão Escolar:** O que é? Por quê? Como fazer?. São Paulo: Moderna, 2003.

MANUAL DIAGNÓSTICO E ESTATÍSTICO DE TRANSTORNOS MENTAIS: **DSM-V.** 5 ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

MINAYO, M. C.S. **O desafio da pesquisa social.** In: DESLANDES, Suely Ferreira. (Org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 31. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

POKER, Rosimar Bortolini et al. **Plano de desenvolvimento individual para o atendimento educacional especializado.** São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Oficina Universitária, 2013. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/af-livro_9_poker_v7.pdf. Acesso em: 20 de ago 2021.

POKER, Rosimar Bortolini et al. **Plano de desenvolvimento individual para o atendimento educacional especializado.** São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Oficina Universitária, 2013. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Publicacoes/af-livro_9_poker_v7.pdf. Acesso em: 20 de ago 2021.

RIVIÈRE, A. **O autismo e os transtornos globais do desenvolvimento.** In: COLL, César. MARCHESI, Álvaro. PALACIOS, Jesus. Desenvolvimento psicológico e educação. 2 ed. Porto Alegre: Artmed, 2004. 3 v. p. 234–254.